

Capítulo 1.

O objeto das ciências da cultura

Platão diz que o espanto é a genuína emoção filosófica, pois nele está a raiz de todo o filosofar. Se esse for realmente o caso, podemos nos perguntar quais objetos despertaram primeiro a admiração do homem, levando-o ao caminho da filosofia: foram objetos de tipo físico ou espiritual, foi a ordem da natureza ou foram as próprias criações do homem?

A hipótese mais natural diz que a primeira coisa que emergiu do caos foi o mundo dos astros, adorado em quase todas as grandes religiões cultas. Provavelmente, nesse terreno o homem começou a se emancipar do feitiço sombrio da superstição, elevando-se a uma visão mais livre e mais ampla da totalidade do ser. A paixão subjetiva, o esforço de subjugar a natureza pela ação de forças mágicas, deu lugar à visão de uma ordem objetiva e universal. No curso dos astros, na sucessão de dia e noite e na repetição ordenada das estações do ano, o homem descobriu o primeiro grande exemplo de um devir uniforme.

Esse devir estava muito acima de sua influência, do poder de seus desejos e de sua vontade. Não tinha nada daquele ca-

ráter caprichoso e incalculável que caracteriza tanto as ações humanas comuns quanto a das forças demoníacas primitivas. Despontou a ideia de que há uma ação – e, portanto, uma realidade* – sujeita a limites fixos e a leis determinadas e imutáveis.

Logo esse sentimento foi misturado com outro. Mais próxima do homem do que a ordem da natureza está a ordem que ele descobre em seu próprio mundo. Também aqui, o caos e a arbitrariedade estão longe de reinar supremos. Desde as suas primeiras reações, o indivíduo sente que é governado e limitado por algo que está acima dele e que não pode controlar. Estamos nos referindo ao poder dos costumes, que o orienta e o guia. Esse poder vigia todos os seus passos e não deixa a menor margem de liberdade em suas ações. Governa e rege não apenas seus atos, mas também seus sentimentos e suas ideias, sua fé e sua imaginação. O costume é a atmosfera invariável na qual o homem vive e existe; não pode escapar dela mais do que pode escapar do ar que respira.

No pensamento desse homem, o Universo físico não podia ser separado do mundo moral. Os dois tinham uma origem comum e formavam uma unidade. Todas as grandes religiões adotaram esse motivo em sua cosmogonia e em sua doutrina moral. Todas concordaram em atribuir à divindade o duplo papel e a dupla missão de fundadora da ordem astronômica e criadora da ordem moral, arrancando ambos os mundos dos poderes do caos. Aqui, a epopeia de Gilgamesh, os livros dos Vedas e a cosmogonia dos egípcios refletem a mesma concepção. No mito cosmogônico da Babilônia, vemos Marduk

* Em alemão, *Wirken* (agir) e *Wirklichkeit* (realidade) têm a mesma raiz. [N.T.]

travando a batalha contra o caos sem forma, o monstro Tiamat. Depois de derrotá-lo, o herói estabelece os eternos sinais que simbolizam as ordens do Universo e da justiça. Marduk, o conquistador, traça o curso das estrelas, apresenta os signos do zodíaco, estabelece a sucessão de dias, meses e anos. Ao mesmo tempo, aponta os limites que não podem ser ultrapassados impunemente pela ação humana. Ele “olha para o homem interior, elabora as regras das quais nenhum malfeitor pode escapar, faz o rebelde ceder e assegura o triunfo da justiça”.¹

Essa maravilha da ordem moral é seguida por outras maravilhas, não menos grandiosas e misteriosas. O que o homem cria e o que sai de suas mãos ainda o rodeia como um mistério. Quando contempla suas próprias obras, ainda está longe de se considerar o criador delas. Essas obras estão muito acima dele, não somente como indivíduo, mas também como espécie. O homem lhes atribui uma origem mítica. Foi um deus que as criou e um salvador que as trouxe do Céu à Terra, ensinando o homem a fazer uso delas.

Esses mitos culturais atravessam a mitologia de todos os tempos e de todos os povos.² Os conhecimentos técnicos do homem ao longo dos séculos e dos milênios não são obra sua, de seu próprio trabalho, mas dons e inspirações do alto. Essa progênie supraterrrestre aparece até mesmo nas ferramentas. Alguns povos primitivos, como os Eweos do sul do Togo, ainda hoje oferecem sacrifícios a ferramentas – como o machado, a garlopa ou a serra – nos festivais anuais de colheita.³ É natural que o homem considere as ferramentas espirituais com as quais se cerca como mais distantes dele do que essas ferramentas materiais. Elas também são o trabalho de um poder infinitamente superior. O deus de cujas mãos veio a espécie

humana e o deus que criou a escrita sempre ocupam um lugar privilegiado na hierarquia das forças divinas. Na mitologia egípcia, Thoth, deus da Lua, é tanto o escriba dos deuses quanto o juiz dos céus. Ele permite que deuses e homens saibam o que é certo fazer, como repositórios da medida das coisas.⁴ A linguagem e a escrita são a origem da medida, pois se prestam melhor do que qualquer outra coisa para reter o que é fugaz e mutável, estando isoladas da ação do acaso e da arbitrariedade.

Ainda no círculo mágico do mito e da religião, aparece o sentimento de que a natureza humana não é algo dado e óbvio, mas um tipo de maravilha que precisa ser explicada. Esse sentimento leva o homem a uma reflexão mais profunda quando ele não apenas sente a necessidade e o direito de fazer esse tipo de perguntas a si mesmo, mas, dando um passo adiante, começa a pensar em seu próprio processo substantivo, para desenvolver um método capaz de respondê-las.

Esse passo foi dado pela primeira vez na filosofia grega. Esta é a grande virada espiritual que essa filosofia representa. Foi então que se descobriu a nova força que poderia levar a uma ciência da natureza e uma ciência da cultura humana. A pluralidade de tentativas míticas de explicação, que haviam sido projetadas nos fenômenos, dá lugar à ideia de uma unidade do ser, à qual deve corresponder uma unidade dos seus fundamentos. Ela só pode ser alcançada pelo pensamento puro.

As criações variadas e multiformes da fantasia criadora de mitos estão agora sujeitas à crítica do pensamento, que mina suas bases e mata suas raízes. Tal função crítica é imediatamente seguida, como deve ser, por uma nova função positiva. O pensamento, impulsionado por sua própria virtude e movido por sua própria responsabilidade, não tem escolha a